
ATELIER REAL

CICLO DE PROPOSTAS ARTÍSTICAS
PLURI E TRANSDISCIPLINARES

RESTOS, RASTOS e TRAÇOS
PRÁTICAS DE DOCUMENTAÇÃO
NA CRIAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Contactos

atelier real / David-Alexandre Guéniot
Rua Poço dos Negros nº55
1200-336 Lisboa, Portugal
d.gueniot@re-al.org

Introdução

O **atelier real** é herdeiro do trabalho de experimentação artística iniciado nos anos 1990 pela **RE.AL** (www.re-al.org) com projectos pioneiros na área da transdisciplinaridade como, por exemplo, o LAB/Projectos em Movimento (1993-2006). Pretende afirmar-se enquanto espaço de trabalho e de fruição artística onde a programação é construída, não a partir de espectáculos ou de conferências, mas de propostas artísticas, consideradas simultaneamente como meios sensíveis de reflexão sobre a sociedade contemporânea e como objectos experimentais de mediação com o público. Pretende colocar em perspectiva a riqueza dos questionamentos que atravessam, de uma forma transdisciplinar, a criação contemporânea em geral bem como gerar novas ideias, confrontos e diálogos entre práticas e pensamentos, proporcionando ao público a experiência de outros estados de percepção. Entende assim privilegiar a apresentação de dispositivos de mediação de experiências em detrimento da apresentação de “obras”.

CICLO “RESTOS, RASTOS E TRAÇOS: Práticas de documentação na criação contemporânea”

O tema do ciclo funciona enquanto “problema para resolver” (ou enquanto “questão para responder”), potencializando um diálogo entre os eventos apresentados ao longo do ciclo, ou seja, entre as diferentes práticas artísticas e as várias abordagens críticas adoptadas para resolver as questões levantadas pela sua problemática: **as práticas de documentação na criação contemporânea**.

Desde a documentação de um trabalho artístico de criação em curso até à realização de trabalhos artísticos que usam protocolos de documentação (ou de arquivamento, por exemplo) para se constituir em realidade ficcional, passando por propostas que questionam a forma documental em termos artísticos, os termos “restos”, “rastos” e “traços” permitem dinamizar as noções de documento e de documentação através de uma abordagem de pluri- e trans-disciplinaridade artística, bem como abrir a compreensão e análise do tema a especulações teóricas e artísticas. Neste sentido, o conjunto desses termos serve mais como catalisador para uma reflexão (ou seja de “poetização da problemática”) do que como mote assertivo e exacto sobre as propostas que se esperam para o ciclo. Representam sobretudo hipóteses de trabalho, porque a distinção entre “restos”, “rastos” e “traços”, se revela na prática quase impraticável... já que uns aspectos parecem implicar sempre os outros e interferir constantemente uns com os outros.

No entanto, podemos lançar aqui algumas pistas de reflexão e de trabalho que desejamos levantar com este ciclo:

1. **Restos (de processos)** : se definimos o resto como a parte inutilizada, que sobra de um processo de fabricação/criação, a “documentação dos restos” consistirá em reflectir sobre o uso (e o não-uso), a utilidade e/ou inutilidade desses excedentes, bem como sobre a natureza voluntária ou involuntária do resto enquanto resultado de uma escolha artística ou da ausência dela. Ou seja, no contexto da arte, abordaremos o resto (e os seus “documentos”) enquanto parte inexplorada de uma obra já constituída ou em curso de criação.

Interessa-nos assim promover uma reflexão prática sobre as potencialidades artísticas do resto tal como existe, por exemplo, ao nível do cinema experimental com filmes que só usam materiais encontrados ou filmados por anónimos (“found footage”) ou ainda no campo musical com as noções de “sampling” e de “remix” (e de reciclagem). Mas interessa-nos também reflectir sobre a relação que o artista estabelece com os materiais ou as suas “proto-obras” que ficaram inacabadas, abandonadas ou esquecidas.

2. **Rastos (de ficções)**: de uma forma geral, o rasto pode ser definido como o que fica de uma actividade num local num dado tempo. A “documentação do rasto” consiste então em mostrar os indícios dessa actividade, transformando/materializando esses indícios em vestígios e organizando-os de forma a reconstituir uma realidade completa ou parcialmente desaparecida, parcial ou totalmente inventada. O documento-rasto constitui-se assim como uma mostra ou um extracto a partir do qual é possível (re)constituir/(re)inventar a acção ou a realidade que originou o rasto. Em relação às práticas artísticas na arte contemporânea, a noção de documento-rasto tem sido trabalhada na sua vertigem documental (entre a prova e a manifestação), descontextualizando documentos de uma realidade pré-existente ou criando documentos de uma realidade imaginada, ou seja, criando uma espécie de arqueologia de um mundo ausente, ou de falsificação de um mundo presente. Ou seja, a prática da documentação na criação contemporânea pode também ser vista enquanto motivo e móbil do processo criativo onde o que era a pesquisa preliminar de um trabalho artístico passou a definir a própria matéria e a predeterminar a forma do objecto artístico final.

3. **Traços (de realidades)**: por definição (numa abordagem tradicional, analógica), o documento é um traço. O documento recebe a inscrição de um acontecimento, ou seja, ele transporta um significado, preserva uma informação, constitui-se enquanto testemunho de algo. A “documentação dos traços” consiste em recolher e exhibir documentos que comprovam a existência e a realidade de um acontecimento. No entanto, a documentação dos traços levanta a questão da intencionalidade dos documentos. À semelhança do documento fotográfico (e do uso da legenda), o documento-traço constitui-se enquanto prova material de um acontecimento (“isto aconteceu”) mas ele é também a

manifestação de referências estéticas, sociais, ideológicas... que o documento absorve da sociedade e transporta com ele. Neste sentido, o “documento-traço” constitui-se enquanto marcador de uma representação da realidade social e política, onde o que não é mostrado é tão importante como o que é mostrado.

O evento inaugural do ciclo, “NAME Readymade”, abordará sobretudo esta última categoria de documentos (o traço) enquanto questionamento.

O PRIMEIRO EVENTO: “NAME Readymade”, de Janez Janša, Janez Janša e Janez Janša (Eslovénia)

Janez Janša é o nome do precedente primeiro-ministro de direita liberal e conservadora da Eslovénia – e passou também a ser oficialmente, desde o verão de 2007, o nome de três artistas eslovenos conhecidos. Desde então, todos os seus projectos, as suas vidas privadas, numa palavra, toda a vida de cada um deles passou a ser vivida com este nome. Um ano mais tarde, analisaram os efeitos deste gesto numa exposição e numa publicação com o título de NAME Readymade. Os objectos apresentados na exposição eram os produtos imediatos, as consequências directas do acto de mudar de identidade: bilhetes de identidade, passaportes, cartões de membros do mesmo partido político (SDS) que o primeiro-ministro Janez Janša, cartas de derrogação para poder viajar sem documentos oficiais (uma vez que estes estavam a ser usados enquanto obra de arte numa exposição), artigos de opinião assinados por Janez Janša, etc.

Janez Janša, Janez Janša e Janez Janša desenvolvem actualmente uma nova fase do projecto com a preparação de uma conferência-demonstração na qual, recorrendo a vários tipos de suportes e de fontes, irão documentar esta experiência/obra. Será com esta conferência-demonstração que daremos início ao ciclo “Restos, rastos e traços” no **atelier real**, no dia 26 de Setembro de 2009.

Mais informações sobre o projecto, consultar:

<http://www.aksioma.org/name/>

http://www.maska.si/en/productions/visual_intermedia/name_readymade/

http://www.aksioma.org/name_book/index.html

AS RESIDÊNCIAS

Os outros 5 eventos são especialmente realizados para o ciclo no âmbito de residências artísticas no **atelier real** e têm como característica serem de natureza experimental. Ou seja, o que é apresentado no final da residência são os resultados práticos de uma investigação e de experimentações artísticas acerca do tema “Restos, rastos e traços” e da problemática “práticas de documentação na criação contemporânea”. Esses eventos não são “produtos” ou “objectos” (tal como um espectáculo ou uma exposição) mas propostas artísticas, plataformas de reflexão e de questionamento mediatizadas por “objectos artísticos parciais”.

A forma de apresentação é livre. Dependendo dos conteúdos da proposta, pode assim apresentar-se sob a forma de uma conferência, uma performance, um filme, uma exposição de documentos e/ou de obras, uma publicação ou um outro tipo de suporte ou de experiência. A duração da apresentação também é variável, podendo ser de 1 hora ou de vários dias (no caso de várias sessões de projecções, ou da organização de um workshop, por exemplo).

Os participantes são seleccionados através de candidaturas. Para além das facilidades de espaço de trabalho, de material técnico e das condições logísticas proporcionadas no âmbito da residência no **atelier real**, ser-lhes-á atribuído um apoio financeiro para a realização das suas propostas.

PLANNING DAS RESIDÊNCIAS

26 de Setembro de 2009: LANÇAMENTO DO CICLO

“NAME Readymade”, de Janez Janša, Janez Janša e Janez Janša (Eslovénia).

Residência nº1: **28 de Setembro - 14 de Novembro de 2009**

Residência nº2: **23 de Novembro - 16 de Janeiro de 2010**

Residência nº3: **25 de Janeiro - 20 de Março de 2010**

Residência nº4: **22 de Março - 8 de Maio de 2010**

Residência nº5: **17 de Maio - 3 de Julho de 2010**

atelier real

INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O ATELIER REAL

O **atelier real** situa-se no número 55 da rua Poço dos Negros, na freguesia de Santa Catarina, em Lisboa. Tem 3 salas de trabalho artístico (entre eles um estúdio de 120 metros quadrados), uma sala de produção, um armazém, uma cozinha, um pátio interior e 5 quartos com a possibilidade de acolher 7 pessoas em simultâneo.



atelier real: quartos

atelier real



atelier real: o pátio interior



atelier real: o estúdio



atelier real: salas de trabalho

